

E-GruPe

| Estudos para | Grupos | Pequenos

A GLÓRIA DO IMPOSSÍVEL • SAMUEL ZWEMER

Samuel Zwemer assumiu o compromisso de ser missionário durante o seu último ano na faculdade, em 1887. Assim que se formou, ele organizou, juntamente com vários outros universitários, uma viagem missionária para a Península Arábica. Depois de 23 anos de ministério no Bahrain e no Kuwait, ele decidiu focalizar seu ministério na área de palestras e produções escritas, as quais se espalharam em toda a região do Cairo, no Egito. Durante este período, ele escreveu muitos livros e artigos de excelente qualidade, tornando-se o pioneiro em lançamentos de trabalhos de estudo e treinamento voltados para ajudar a igreja no processo de evangelização de muçumanos. Por muitas destas razões, Samuel Zwemer é considerado o primeiro apóstolo para o mundo árabe. Este trecho foi extraído do artigo que ele escreveu em 1911.

O desafio de alcançar os campos do mundo que ainda não conhecem a Jesus requer uma fé muito grande e, portanto, também um grande sacrifício. Nossa disposição para nos sacrificar por um empreendimento é sempre proporcional à fé que temos nesse empreendimento. É essa fé que nos torna hábeis para transformar o apenas possível em algo real.

Uma vez dominado pela convicção da necessidade de fazer uma determinada coisa, não há nada que possa deter um ser humano na luta pela conquista de suas metas. Temos a nossa “ordem para marchar”, conforme disse O Duque de Ferro de Wellington, Arthur Wesley, nosso Primeiro Comandante a não estar ausente, o impossível torna-se não somente prático, como também imperativo. Charles Spurgeon, pregando no texto bíblico que diz “Foi me dada toda a autoridade... E eu estarei sempre com vocês”, usou estas palavras: “Aqui vocês têm um fator que é absolutamente infinito, então que relevância quaisquer outros fatores podem ter? ‘Eu farei o máximo que puder,’ disse alguém. Qualquer insensato pode fazer isto. Aquele que crê em Cristo faz exatamente o que os demais não podem fazer: tentar realizar o impossível e ser capaz de, através de Cristo, desempenhá-lo.”¹

Freqüentes retrocessos e aparentes fracassos nunca desanimam o verdadeiro pioneiro. Os martírios ocasionais são apenas um novo incentivo. A oposição é um estímulo para um melhor desempenho das atividades. Grandes vitórias nunca foram possíveis sem grandes sacrifícios. Se a conquista de Port Arthur exigisse balas humanas,² não poderíamos esperar tirar os Port Arthurs e os Gibaltars do mundo não cristão, sem que houvesse mortes. Será que realmente importa quantas pessoas morrem ou quanto dinheiro gastamos em abrir portas fechadas e em ocupar diferentes campos se cremos que missões são pelejas e que a glória do Rei está em jogo? Guerras sempre envolvem sangue e tesouro. Nossa única preocupação deve ser nos manter em ataque e vencer a qualquer custo, sem nos importarmos com os sacrifícios que possam ser requeridos de nós ao longo do caminho.

Os campos desocupados do mundo precisam passar pelo Calvário antes de poder vivenciar o dia de Pentecostes. Raymond Lull, o primeiro missionário a ir ao mundo muçumano, expressou esse mesmo pensamento na língua medieval, quando escreveu: “Assim como um homem faminto anseia em preparar um alimento para saciar sua grande fome, também Teu servo sente um grande desejo de morrer para poder glorificar-te. Ele se apressa de dia e de noite para completar a sua obra, a fim de poder renunciar a seu sangue e a suas lágrimas, entregando a ambos para serem derramados por Ti”³.

Uma Saudade Invertida

Os campos do mundo ainda não alcançados pelo Evangelho esperam por aqueles que estejam dispostos a se isolar em favor da causa de Cristo. As palavras que nosso Senhor Jesus Cristo dirigiu aos apóstolos no momento em que lhes mostrou Suas mãos e o Seu lado feridos impactaram de forma especial o trabalho missionário: “Assim como o Pai me enviou, eu os envio” (João 20:21). Ele veio ao mundo porque este era um grande campo missionário desocupado. “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam” (João 1:11). Ao chegar, teve como manifestação de boas-vindas apenas insultos, deu a Sua vida, entregou-se em sofrimento e desceu de Seu trono à Cruz, embora sua única expectativa fosse que o seguissemos.

Devemos seguir as Suas pegadas. O missionário pioneiro, ao superar obstáculos e dificuldades, tem o privilégio não apenas de conhecer a Cristo e o poder da Sua ressurreição, mas também de participar da comunhão do Seu sofrimento. Tanto o povo do Tibet ou da Somália, como o da Mongólia ou do Afeganistão, da Arábia ou do Nepal, do Sudão ou da Abissínia e de todo o mundo pode ser chamado para declarar, assim como disse Paulo: “Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja” (Colossenses 1:24; confira também Marcos 12:44 e Lucas 21:4). O que é isto senão a glória do impossível! Quem, naturalmente, preferiria deixar o calor e o conforto da lareira e do lar, bem como o amor da família, para sair em busca de uma ovelha perdida, cujo lamento mal podemos ouvir no uivar da tempestade? No entanto, tal é a glória da tarefa que nem as obrigações e necessidades do lar podem impedir aqueles que alcançaram a visão, e o espírito do Grande Pastor. Por termos sido feito por Deus Suas ovelhas, bem como também são considerados todos aqueles que estão perdidos, e não Seus empregados, devemos nos preocupar em reunir ao rebanho todas aquelas que se desviaram de volta aos cuidados do nosso Bom e Eterno Pastor.

Embora a estrada seja áspera e íngreme, vou para o deserto para encontrar as minhas ovelhas. “Para mim não há nada mais sensível e nem mais patético”, diz Doutor Forsyth, “do que a maneira na qual missionários desaprendem a amar seus respectivos antigos lares, morrendo para a sua terra nativa, passando a unir seus corações às pessoas a quem serviram e alcançaram; sendo assim, eles não poderiam descansar na Inglaterra, devendo regressar para enterrar os seus ossos onde dedicaram os seus corações para Cristo. Quão vulgar parece o patriotismo comum, comparado a esta saudade invertida, esta paixão por um reino que não tem fronteira e não faz acepção de raça, a paixão de um Cristo sem teto!” 4

James Gilmour na Mongólia, David Livingstone na África Central, Grenfell no Congo, Keith Falconer na Arábia, Dr. Rijnhart e Miss Annie Taylor em Tibet, Chalmers em Nova Guiné, Morrison na China, Henry Martyn na Pérsia, e todos os outros que, como eles, sentiram esta “saudade invertida” não podem explicar este entusiasmo de chamar de “seu” àquele país que se encontrava em grande necessidade do Evangelho. Com este novo ânimo, todos os demais entusiasmos vieram a acabar; diante desta visão, todas as demais visões se desvaneceram; este chamado afogou todas as demais vozes. Eles foram os pioneiros do Reino, os exploradores de Deus, ávidos por atravessarem fronteiras, descobrir novas terras ou conquistar novos impérios.

O Espírito Pioneiro

Os pioneiros de Deus partiram à luta armados não com uma simples machadinha e uma mera pá, mas com a poderosa espada do Espírito e com o fogo transformador da Verdade: eles abriram o caminho àqueles que viriam depois deles, glorificaram também durante a tribulação e suas cicatrizes foram o selo de seus apostolados. Parafraseando o apóstolo pioneiro, devemos sempre ter como lema a seguinte frase: “trago em meu corpo as marcas de Jesus” a fim de sermos aprovados “como servos de Deus... em açoites, prisões e tumultos; em trabalhos árduos, noites sem dormir e jejuns.”

Thomas Valpy French, Bispo de Lahore, ao qual Dr. Eugene Stock chamara de “o mais distinto de todos os missionários da missão Church Missionary Society (Sociedade Missionária da Igreja)”, possuía o verdadeiro espírito pioneiro e conhecia a glória do impossível. Depois de quarenta anos de abundante e frutífero trabalho na Índia, ele renunciou ao bispado e traçou planos evangelísticos para alcançar o interior da Arábia com a Verdade de Jesus. Thomas era um gigante intelectual e espiritual. “Viver com ele era beber da fonte de uma atmosfera espiritualmente tonificante. O mesmo bem que o ar de Engadine (popular cidade turística na Suíça) faz ao corpo, faz a intimidade com ele à alma. Estar em sua presença era um aprendizado. Ele achava que não havia nada a que um homem não devesse renunciar—lar, esposa ou saúde, quando o chamado de Deus se fazia claro. Por outro lado, todos sabiam que Thomas apenas requeria deles aquilo que ele mesmo havia feito e estava sempre fazendo”.

Quando Mackay, de Uganda, em seu extraordinário apelo por uma missão cristã voltada aos árabes de Omã (país situado na Arábia) convocou “meia dúzia de jovens rapazes das universidades inglesas para se aventurar em fé”,⁵ este veterano de sessenta e seis anos de idade, com coração de leão, foi o único a responder, prontificando-se a servir na batalha. Era a glória do impossível! No entanto, um pouco antes de morrer na capital de Omã (Muscat), ele escreveu: “Se eu não conseguir levantar um servo fiel e bem versado para lidar com o povo árabe, nem guiá-lo pelo interior para obter os poucos suprimentos básicos necessários dos quais preciso, posso tentar ir a Bahrain, Hodeidah e Sana, e, se isto não der certo, tentarei o norte da África mais uma vez, em especial algumas regiões montanhosas pois, sem uma casa própria, o clima seria horrível para mim—pelo menos durante os meses de calor—e o trabalho acabaria ficando parado. Mas Deus, por favor não permita que eu desista, nem mesmo temporariamente, dos meus planos para o interior; a menos que todas as portas sejam fechadas, seria pura loucura tentar realizá-los. 6

“Eu não desistirei”, disse — e não desistiu até morrer. Nesta mesma visão, tampouco a Igreja de Cristo poderia desistir da obra pela qual ele e tantos outros deram suas vidas em Omã: ela prossegue.

A Ambição Apostólica

As províncias não evangelizadas da Arábia e do Sudão aguardam por homens cujo espírito se pareça com o do Bispo French, pois a ambição de alcançar regiões além dos centros já ocupados, mesmo quando aqueles mesmos centros estão inadequadamente providos de pessoal e necessitados de reforço, não é corajosa ou fantástica, mas verdadeiramente apostólica.

“Sempre fiz questão”, disse Paulo, “de pregar o evangelho onde Cristo ainda não era conhecido, de forma que não estivesse edificando sobre o alicerce de outro. Mas antes, como está escrito: Hão de vê-lo aqueles que não tinham ouvido falar dele, e o entenderão aqueles que não o haviam escutado” (Romanos 15:20-21). Ele escreveu isto ao partir da importante cidade de Corinto, e prosseguiu atribuindo a tais coisas a “culpa” por ainda não haver visitado Roma, dizendo que esperava fazê-lo quando fosse à Espanha! Se, ainda no primeiro século, o maior limite do Império Romano já fazia parte do seu projeto de evangelismo, através do qual as Boas Novas de Cristo haviam sido pregadas desde Jerusalém até Ilíaco (na antiga região da Iugoslávia), certamente, no início do século vinte, não devemos ter uma ambição menor que a de entrar em todos os campos ainda não alcançados por Jesus no mundo, para que “aqueles que ainda não tinham ouvido falar dele possam ouvir, passando a entendê-lo aqueles que não o haviam escutado”.

Não existem registros que provem que algum Apóstolo tenha sido audaciosamente coagido a ir para o exterior. Cada um deles atendeu ao chamado missionário da mesma forma como um amado atenderia a um compromisso marcado com sua noiva: tudo foi instintivo e natural. Eles eram igualmente controlados por um objetivo comum, porém possuíam visões de caráter individual, as quais os conduziram aos lugares onde eram especificamente necessários.

No início do cristianismo, não há um espírito calculista. A maioria dos Apóstolos morreu fora da Palestina, embora a lógica humana teoricamente os proibisse de deixar o país até que este fosse cristianizado. O instinto calculista é a morte da fé e, se os Apóstolos permitissem que isto controlasse sua motivação e as suas ações, teriam dito: “A necessidade em Jerusalém é tão grande e as nossas responsabilidades para com o povo do nosso próprio sangue é tão óbvia que precisamos cumprir o princípio do ditado que diz que ‘a caridade começa em casa.’ Depois que conquistarmos o povo de Jerusalém, da Judéia e da Terra Santa em geral, então teremos tempo suficiente para irmos para o exterior; mas os nossos problemas políticos, morais e religiosos estão tão mal resolvidos aqui, neste local, que é manifestamente absurdo nos curvamos diante de uma ‘nova terra’”. 7

Foi justamente a grandiosidade da tarefa e a sua dificuldade que emocionaram a Igreja primitiva. Sua impossibilidade aparente era a sua glória, assim como seu caráter mundial era o seu esplendor. O mesmo é verdade hoje. “Eu estou satisfeito”, escreveu Neesima do Japão, “em meditação sobre o maravilhoso crescimento do cristianismo no mundo, e creio que, se este encontrar algum obstáculo, avançará ainda mais rápido e veloz, do mesmo modo que os córregos correm mais rápidos, quando encontram algum impedimento em seu percurso”. 8

Esperança e Paciência

Aquele que lavra o solo virgem deve lavrar com esperança, pois Deus nunca decepciona Seus lavradores. A colheita sempre acompanha a sementeira. “Quando chegamos ao nosso campo”, escreve o missionário Hogberg da Ásia Central, “era impossível reunir até mesmo poucas pessoas para ouvir as boas novas do Evangelho. Não podíamos reunir crianças para a escola bíblica dominical. Não podíamos pregar o Evangelho, nem distribuir folhetos. Ao edificarmos um novo campo missionário, também construímos uma pequena capela e então nos perguntamos: será que algum dia esta sala estará repleta de mulçumanos ouvindo o Evangelho? Hoje, nossa pequena capela tem estado cheia de ouvintes e ainda necessita de um espaço maior! Dia após dia, pregamos com o máximo de energia que podemos, e os mulçumanos não mais se opõem a ouvir a verdade do Evangelho. ‘Antes de sua vinda aqui, ninguém falava ou pensava em Jesus Cristo, agora todos ouvem o Seu nome em todo lugar’, disse-me um seguidor de Maomé. No início do nosso trabalho, eles jogavam fora, queimavam ou devolviam os evangelhos, mas agora eles os compram, beijam os livros, tocando-os à testa e comprimindo-os contra o coração, demonstrando assim a mais elevada honra que um mulçumano pode demonstrar por um livro”. 9

O lavrador pioneiro deve ter muita paciência. Quando Judson encontrava-se deitado e acorrentado num calabouço burmês, um companheiro de cela lhe perguntou com desdém sobre a perspectiva da conversão dos pagãos e ele calmamente respondeu: “As perspectivas são tão promissoras quanto as promessas de Deus”. 10

Não existe um país hoje que seja tão inacessível cujas dificuldades sejam maiores dos que as existentes no caso em Burma, quando Judson os enfrentou e os venceu.

O Desafio da Porta Fechada

Sabendo que as perspectivas para a evangelização de todos os campos ainda não alcançados por Cristo são tão promissoras quanto

as promessas de Deus, por que deveríamos esperar mais tempo para evangelizá-los? “A evangelização do mundo nesta geração não é uma expressão ambígua”, diz Robert E. Speer, “nem é um lema para ser proferido descuidadamente. Ela é sim o chamado de Jesus Cristo a todos os discípulos para morrer na cruz, seguindo os passos de Jesus que, embora fosse rico, pelo nosso bem se fez pobre, para que por meio de Sua pobreza pudéssemos ser ricos. Em outras palavras, é o apelo de Cristo que todos considerem sua própria vida como nada sendo, para que possa usá-la como Ele usou a Sua, em prol da redenção do mundo”.¹¹ Quem fará isto pelos campos ainda não evangelizados?

Os estudantes voluntários hoje não devem descansar até que seus específicos lemas encontrem aplicação prática nos campos mais negligenciados e de difícil acesso, assim como também nos países maduros para a colheita, e o chamado para os que colhem é em um número cada vez mais crescente. O apelo da pobreza extrema é até mais forte do que o da oportunidade. O oportunismo não é a última palavra em missões. A porta aberta chama, mas é a porta fechada que desafia aquele que tem o direito de entrar.

Os campos não evangelizados do mundo têm, portanto, uma reivindicação de peso e urgência peculiares: “neste século vinte da história cristã não deveria haver campos não evangelizados. A igreja tem a obrigação de remediar este estado lamentável com o mínimo de atraso possível”.¹²

Construa e Não Apenas Ganhe uma Vida

Os campos ainda não alcançados pelo Evangelho de Cristo representam um desafio a todos aqueles cujas vidas estão desocupadas daquilo que é o melhor e mais elevado, estando ocupadas somente com as coisas fracas ou com as coisas básicas e irrelevantes. Existem olhos que nunca foram iluminados por uma grande visão, mentes que nunca foram presas por um pensamento altruísta, corações que nunca se compadeceram dos erros de alguém e mãos que nunca se cansaram ou se fortaleceram ao levantar um grande peso. Para tais, o conhecimento destes milhões de pessoas sem Cristo em terras ainda desocupadas deveria vir como um novo chamado da Macedônia e uma visão surpreendente da vontade de Deus para si. Conforme observa o Bispo Brent, “nunca sabemos qual medida de capacidade moral está à nossa disposição até tentarmos expressá-la por meio de uma ação. Uma aventura de algumas proporções não é excepcionalmente tudo que um jovem precisa para determinar e fixar o poder da sua virilidade”.¹³

Existe um teste mais heróico para o poder da virilidade do que o trabalho pioneiro no campo missionário? Ali está uma oportunidade única àqueles que nem casa, nem em nenhum outro lugar puderam encontrar espaço e liberdade suficientes para a capacidade latente de sua mente e alma. Existem centenas de universitários cristãos contentando-se em apenas passar suas vidas exercendo Direito ou algum outro ofício que garanta sua subsistência, embora tenham força e talento suficientes para entrar e prosperar nestes campos ainda não evangelizados. Existem jovens médicos que podem ir até algum novo campo missionário para socorrer a milhares dos que “sofrem as atrocidades do paganismo e do islã” e erguer o peso da sua dor, mas que agora encerram seus esforços em alguma “Útica fechada” (Útica é uma cidade localizada no estado de Nova York onde, para a lei da competição, a arte da cura é a mais desprezível e é muitas vezes meramente medida em termos lucrativos).

O Bispo Phillips Brooks uma vez rejeitou o desafio de uma grande tarefa, usando estas palavras: “Não ore por uma vida fácil; ore para ser homens mais fortes. Então não só a realização do seu trabalho será um milagre, mas você também”.¹⁴ Ele não poderia ter escolhido palavras mais apropriadas para falar sobre a evangelização dos campos do mundo ainda não alcançados com a maravilhosa Luz de Jesus, com todas as suas desconcertantes dificuldades e suas gloriosas impossibilidades. Só Deus pode nos conceder poder para realizar a tarefa. Ele foi suficiente para aqueles que saíram a espalhar o Evangelho no passado, e é suficiente para aqueles que fazem isto hoje.

Ao colocar-nos face a face com estas milhões de pessoas que vivem nas trevas e em degradação moral, levando-nos a conhecer o estado das suas vidas pelo testemunho indescritível daqueles que visitaram os seus países, esta grande tarefa inacabada, ou melhor, esta tarefa ainda não iniciada chama hoje aqueles que estão dispostos a suportá-la e realizá-la.

Não um Sacrifício, Mas um Privilégio

Quando David Livingstone visitou a Universidade de Cambridge, em 4 de dezembro de 1857, ele fez um profundo apelo àquele continente, o qual era então quase totalmente um campo não evangelizado. Suas palavras, as quais foram, de certa forma, seu testamento aos universitários a respeito da África, podem concluir bem este livro:

“Da minha parte, nunca parei de me alegrar por Deus ter me nomeado para tal missão. As pessoas falam sobre o sacrifício que eu fiz por dedicar tanto tempo da minha vida à África. Poderia isso ser chamado de sacrifício quando simplesmente estou tentando devolver ao nosso Deus uma pequena parte de uma grande dívida que nunca nenhum de nós poderemos pagar? Seria isso um sacrifício, mesmo quando traz sua própria recompensa em atividades saudáveis, através da consciência de fazer o bem, da paz à

mente e de uma esperança promissora para um destino glorioso no futuro? Lance fora tal opinião e pensamento! Isto não é um sacrifício em absoluto. Ao invés disso, diga que é um privilégio. A ansiedade, a enfermidade, o sofrimento ou perigo, de vez em quando, com a renúncia de conveniências e donativos comuns desta vida, podem nos fazer parar, levando nosso espírito a hesitar e nossa alma a submergir: permita que isto dure somente um instante! Tudo isto não é nada comparado à glória que será revelada no futuro em nós e para nós. Eu nunca fiz sacrifícios.”

“Eu suplico que dirija sua atenção à África. Eu sei que daqui a alguns anos eu serei impedido de entrar naquele continente, o qual agora está aberto. Não deixem que ele se feche novamente! Regressarei à África para tentar abrir um caminho ao comércio e ao cristianismo: dê continuidade ao trabalho que comecei, pois eu o deixarei aos cuidados de vocês”. 15

Notas

- 1 Sermão de Charles Spurgeon em *Our Omnipotent Leader in The Evangelization of the World* (O Nosso Líder Onipotente, em A Evangelização do Mundo), (Londres, 1887).
- 2 Tadayoshi Sakurai, *Human Bullets, The experience of a Japanese officer at Port Arthur and a revelation of Japanese patriotism and obedience*. (Balas Humanas,. A Experiência de Um Oficial Japonês em Port Arthur, e uma revelação do patriotismo e da obediência japonesa).
- 3 Raymond Lull, “Liber de Contemplations in Deo,” Samuel M. Zwemer’s *Raymund Lull: first missionary to the Moslems* (Em Samuel M. Zwemer’s *Raymund Lull: o primeiro missionário entre os mulçumanos*), (Nova York e Londres: Funk and Wagnalls, 1902), p. 132.
- 4 P.T. Forsyth, *Missions in State and Church: Sermons and Addresses* (Missões em Estado e Igreja: Sermões e Palestras) (Nova York: A. C. Armstong, 1908), p. 36.
- 5 Mrs. J. W. Harrison, *Mackay of Uganda* (Mackay de Uganda), pp. 41 7-430.
- 6 S. M. Zwemer, *Arabia: The Cradle of Islam; studies in one geography people and politics of one peninsula with an account of Islam and mission work...* (Arábia: O Berço do Islã; estudos sobre uma geografia, povo e política de uma península, com um relato sobre o islamismo e trabalho missionário...) Nova York: F. H. Revell, 1900), p. 350.
- 7 Charles H. Brent, *Adventure for God* (Aventura para Deus), (Nova York: Longmans, Green, 1905), pp. 1 1-12.
- 8 Robert E. Speer, *Missionary Principles and Practice: a discussion of Christian missions and of some criticisms upon them* (Princípios e Práticas Missionárias: um debate sobre missões cristãs e algumas críticas sobre estas), (Nova York: F. H. Revell, 1902), p. 541.
- 9 S. M. Zwemer, *Letter to Commission No. 1* (Carta à Comissão Número 1), *World Missionary Conference* (Conferência Missionária Mundial), Edimburgo, 1910.
- 10 Arthur Judson Brown, *The Foreign Missionary: an incarnation of a world movement* (O Missionário Estrangeiro: uma encarnação de um movimento mundial) (Nova York: Fleming H. Revell, 1932), p. 374.
- 11 Speer, na obra citada, p. 526.
- 12 *Report of World Missionary Conference* (Relatório sobre a Conferência Missionária Mundial), Edimburgo, 1 910, Vol. 1.
- 13 Brent, na obra citada, p. 135. d
- 14 Phillips Brooks, *Twenty Sermons* (Vinte Sermões) (Nova York: E. P. & Co., 1903), p. 330.
- 15 William Garden Blaikie, *Personal Life of David Livingstone...* (A Vida Pessoal de David Livingstone...) (Nova York: Harper & Bros., 1 895n), pp.243-244.

Extraído de The Unoccupied Mission Fields of Africa and Asia (Os Campos Missionários Desocupados na África e Ásia), Student Volunteer Movement for Foreign Missions (Movimento Estudantil Voluntário para Missões Internacionais), Capítulo 8, pp. 215-231, 1911. Public Domain, Copyright 2001 Campus Crusade for Christ, Inc.(Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo). Todos os direitos reservados. Este estudo pode ser copiado, sem alterações, para o uso em ministério pessoal. A revenda deste estudo com fins lucrativos é estritamente proibida.